



Educação e trabalho interprofissional na saúde: uma transgressão necessária

Ramona Fernanda Ceriotti Toassi¹
Daniel Demétrio Faustino-Silva²

Nesta entrevista a Dra. Ramona Fernanda Ceriotti Toassi, que é professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), traz à luz a temática da educação e do trabalho interprofissional na área da saúde. As reflexões feitas são decorrentes da sua atuação na atividade de ensino Práticas Integradas em Saúde I, cujo objetivo é integrar os cursos da saúde da UFRGS e de pesquisas científicas junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde – Mestrado Profissional – da Faculdade de Medicina da UFRGS.

O que se entende por trabalho interprofissional na área da saúde e como ele se dá na prática do Sistema Único de Saúde?

A ideia do ‘interprofissional’ deve nos direcionar para o tema do trabalho em equipe. É disso que estamos tratando. A primeira condição para o trabalho em equipe interprofissional é termos duas ou mais profissões com competências complementares no mesmo cenário de saúde, ou seja, é preciso uma constituição multiprofissional para esta equipe. Mas o agrupamento de profissões, por si só, não garante a prática interprofissional. É preciso ir além. Agrega-se, aqui, a necessidade da interação entre os profissionais da equipe, o que pressupõe o compartilhamento, a parceria, a escuta, a fala, a definição de objetivos comuns, o reconhecendo do papel e da importância do outro na complementariedade das ações em saúde e, sobretudo, a disponibilidade para trabalhar-aprender com o outro. Este conjunto de elementos tem potencial para o desenvolvimento de práticas de saúde que sejam expressas pela colaboração entre as diferentes profissões, com a intenção da qualificação de um cuidado integral, seguro, resolutivo e pautado nas necessidades das pessoas-famílias-população. Os usuários e suas necessidades em saúde – e não os profissionais ou os gestores – é que estão na centralidade do trabalho interprofissional.

Entendendo o que é o trabalho interprofissional, vamos pensar agora em como este se estabelece nas práticas de trabalho das equipes no Sistema

¹ Pós-doutora em educação e prática interprofissional pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – USP. Professora do Departamento de Odontologia Preventiva e Social da Faculdade de Odontologia e do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde – Mestrado Profissional – da Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre-RS, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0003-4653-5732>
<http://lattes.cnpq.br/1885442160941630>
ramona.fernanda@ufrgs.br

² Editor chefe Cadernos de Ensino e Pesquisa em Saúde. Cirurgião Dentista. Doutor em Odontologia em Saúde Bucal Coletiva. Professor do Mestrado Profissional de Avaliação de Tecnologias para o Sistema Único de Saúde.
<https://orcid.org/0000-0001-6876-6537>
<http://lattes.cnpq.br/3497215871361607>
danielsilva@ghc.com.br

Único de Saúde (SUS).

O debate sobre o trabalho em equipe, no Brasil, não é novo. A integralidade do cuidado e o conceito ampliado de saúde estão representados na essência da construção do SUS. Por outro lado, a complexidade e a dinamicidade das necessidades das pessoas-famílias-comunidade se apresentam como desafios para este tempo, exigindo a atuação em rede colaborativa e resolutiva do SUS, a qual inclui profissionais, gestores, pessoas-famílias-comunidade.

Professora Marina Peduzzi, pesquisadora brasileira com contribuições significativas para o tema do trabalho em equipe e da interprofissionalidade, nos presenteou (entre muitos textos valiosos) com o artigo publicado na revista *Interface*, em 2016, cujo título é ‘O SUS é interprofissional’. Dentre as possibilidades de dialogarmos com o texto, destaco a de que SUS “é interprofissional, construído e consolidado como espaço de atenção à saúde, educação profissional, gestão e controle social, orientado pelos princípios de integralidade, equidade, universalidade e participação” (p. 200).

Falando pela minha experiência, como cirurgiã-dentista trabalhadora do SUS que atuou em equipe na Atenção Básica e, neste momento, como docente e pesquisadora de atividade de integração ensino-serviço-comunidade de base interprofissional, vejo que a perspectiva do trabalho em equipe interprofissional e colaborativo, embrica-se ao cotidiano do trabalho, especialmente na Estratégia de Saúde da Família. E a integração do ensino de graduação a práticas no SUS, junto às equipes e profissionais preceptores, promoveram e promovem melhorias no processo de educação dos profissionais da saúde, de modo específico, no período dos estágios curriculares.

Mas será que só é possível aprender sobre o trabalho em equipe, sendo parte desta equipe, ou estando nos estágios, no final do curso de graduação? Acredito que não. Mas para que este aprendizado seja possível, é imprescindível incluir a atuação em equipe interprofissional com uma das competências do profissional da saúde, que deve estar presente ao longo da formação de modo transversal e crescente, a partir da graduação. Quando falamos de competências, nos referimos à capacidade de agir do educando, o qual deve mobilizar conhecimentos, habilidades e as atitudes para o ‘saber fazer’ em uma equipe de saúde.

Como a educação se relaciona com o trabalho interprofissional?

Para podermos trabalhar juntos, precisamos aprender juntos, para que possamos atingir o objetivo de melhorar os resultados em saúde.

A aprendizagem compartilhada e interativa entre e sobre duas ou mais profissões (sejam estudantes ou profissionais formados), com a finalidade de melhorar o trabalho colaborativo em equipe e a qualidade da atenção à saúde é o que conceituamos como educação interprofissional.

Evidências científicas nos mostram que experiências curriculares de educação interprofissional, que já aconteçam na graduação, permitem maior conhecimento, disponibilidade e atitudes positivas dos estudantes para o trabalho em equipe marcado por práticas colaborativas. E é esta



prática que tem potencial para qualificar ações e resultados em saúde, centradas nas necessidades das pessoas-famílias-comunidade.

Da mesma forma, quando estas experiências de integração não acontecem e os currículos são estruturados exclusivamente por núcleos/saberes profissionais, há uma tendência de que cada profissão aprenda e atue isoladamente, mesmo se integrar uma equipe de saúde no seu futuro profissional. É o que Julio Frenk e colaboradores, em relatório apresentado na revista *The Lancet*, em 2010, sobre a formação de profissionais da saúde para o novo século, chamaram de ‘tribalismos das profissões’. O professor Marcelo Viana da Costa, pesquisador brasileiro de referência para o tema da interprofissionalidade, em artigo publicado no *Journal of Interprofessional Care*, em 2014, chamava a atenção para o fato de o Brasil ser um país sem histórico com a educação interprofissional. Em 2022, Marcelo nos traz um novo texto apresentando as lições aprendidas a partir de uma experiência brasileira de educação interprofissional. Avançamos! E não podemos deixar de mencionar as Residências Multiprofissionais em Saúde e a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde, ambas propostas que buscam a transformação das práticas do trabalho em saúde, como dispositivos de aprendizado compartilhado que promovem o trabalho interprofissional.

O que deve nos preocupar, como educadores e trabalhadores da saúde, é perceber que a intencionalidade do aprendizado para o trabalho colaborativo em equipe e as bases teóricas da interprofissionalidade não estão presentes nos espaços educativos, cabendo ao educando o seu reconhecimento. A educação precisa acompanhar as necessidades do trabalho e o trabalho as da formação. E as atividades de educação na saúde, realizadas em cenários de prática do SUS, acredito que sejam as que tragam aprendizagens que marcam a vida pessoal-profissional destes estudantes e despertem para a colaboração no trabalho. É um movimento educação-trabalho que implica na formação de docentes e de profissionais do SUS para atuarem como facilitadores da interação entre profissões, buscando agregar à formação, além das competências específicas e comuns aos profissionais da saúde, o desenvolvimento de competências colaborativas para o trabalho em equipe. Como exemplos destas competências, podemos citar a comunicação interprofissional, o conhecimento do papel profissional, a atenção à saúde centrada no paciente-família-comunidade e a resolução de conflitos, como estruturantes da interprofissionalidade.

A valorização da educação interprofissional faz parte de uma demanda que vem da experiência do trabalho em saúde, de ter uma força de trabalho apta à colaboração na atuação em equipe.

Quais são as potencialidades e desafios para a efetivação de uma prática interprofissional na saúde?

O SUS, como cenário privilegiado para o aprendizado e desenvolvimento do trabalho, envolvendo estudantes e trabalhadores de diferentes profissões da saúde, gestores e usuários dos serviços, é a maior potência do país para efetivar práticas interprofissionais colaborativas.



Os textos atualizados das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação da área da saúde no país, contemplando o atuar em equipe, de forma interprofissional na atenção à saúde, e o exercer posições de liderança e proatividade promovendo o bem-estar do trabalho em equipe interprofissional, reforçam a inclusão da educação interprofissional nos currículos da saúde.

Temos, ainda, iniciativas de atividades de educação interprofissional na graduação em saúde em diferentes Instituições de Ensino Superior do país, grupos de pesquisa, cursos de pós-graduação – especialmente, residências multiprofissionais e mestrados profissionais – que merecem destaque no fortalecimento de práticas tanto na educação como no trabalho interprofissional. Em 2018, o edital da nona edição do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) – com foco na interprofissionalidade –, foi outro exemplo da relevância do tema para as políticas de saúde do país. E uma potência muito importante que temos no Brasil é a Rede Brasileira de Educação e Trabalho Interprofissional em Saúde (ReBETIS), que busca ampliar e fortalecer discussões em torno dos princípios da educação e do trabalho interprofissional. O principal evento da ReBETIS é o Colóquio Internacional de Educação e Trabalho Interprofissional (CIETIS). Neste ano de 2023, em abril, o 6º CIETIS foi realizado no formato on-line, tendo como tema ‘A centralidade do usuário para sustentabilidade da interprofissionalidade na formação e no trabalho em saúde’.

Se as potências emergem, também nos cabe apontar os desafios, que não são poucos. Nas Instituições de Ensino Superior, currículos essencialmente uniprofissionais e fragmentados, sem atividades de educação interprofissional ou, quando estão presentes, apresentadas como componentes curriculares não obrigatórios, oferecendo vagas restritas para os cursos da saúde, são barreiras institucionais observadas. Outro desafio, como já mencionado, trata da formação docente. Se pretendemos o interprofissional, temos a exigência da qualificação permanente dos docentes para estratégias pedagógicas interativas, que estimulem práticas colaborativas entre os estudantes de diferentes cursos da saúde.

No SUS, profissões não representadas nos serviços de saúde, mudanças na Política Nacional de Atenção Básica e na gestão de pessoas e processos de trabalho das equipes de Atenção Básica em municípios brasileiros, com maior fragilidades nos vínculos de trabalho e no conhecimento do território e das famílias, corporificam desafios para a consolidação da prática interprofissional e merecem nossa atenção e ação.

Por fim, que avanços ainda são necessários na educação interprofissional no campo da saúde?

Permita-me pensar nos avanços que ainda são esperados, em duas perspectivas – a da educação na saúde (formação) e a das pesquisas. Na educação, é preciso estabelecer o que já constituímos nos currículos dos cursos da saúde, revisitar as conquistas, identificar barreiras e novos desafios. A partir deste reconhecimento, precisamos avançar na oferta de atividades de ensino interprofissionais em diferentes momentos da formação e não restritas ao caráter eletivo, optativo ou opcional. Vejo,



ainda, a possibilidade da integração de experiências de educação interprofissional na graduação, pós-graduação e na educação permanente das equipes e a necessidade da garantia de espaços que oportunizem o desenvolvimento da formação docente para atividades com foco interprofissional.

Nas pesquisas, precisamos incluir os usuários como participantes dos estudos, analisando os benefícios do trabalho interprofissional sobre as práticas de cuidado em saúde, além da realização de estudos com abordagens metodológicas mistas e que possam comparar grupos de educandos expostos a diferentes intervenções educacionais em distintos espaços de aprendizagem.

Práticas colaborativas interprofissionais na educação e no trabalho em saúde, assim como na docência, são propostas contra-hegemônicas, que transgridem a lógica da fragmentação do cuidado e do atuar isoladamente nas profissões da saúde, seja nos serviços de saúde ou nas Instituições de Ensino Superior. Como nos ensinou Bell Hooks, inspirada nas ideias de Paulo Freire, precisamos estimular o ensino-aprendizado-trabalho que permita as transgressões.

Fica o convite para compartilharmos as leituras.

REFERÊNCIAS

COSTA, M. V. Interprofessional education as an approach for reforming health professions education in Brazil: emerging findings. *Journal of interprofessional care*, Abingdon, v. 28, n. 4, p. 379-380, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/31090/1/InterprofessionalEducationReforming_Costa_2014.pdf. Acesso em: 7 dez. 2023.

COSTA, M. V. A educação interprofissional no contexto brasileiro: algumas reflexões. *Interface (Botucatu, Online)*, Botucatu, v. 20, n. 56, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0311>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/ccKCY4chZCtb8pj9vQw8hcy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 dez. 2023.

COSTA, M. V. *et al.* Interprofessional education: lessons learned from a Brazilian experience. *Medical education*, Oxford, v. 56, n. 8, p. 864, Aug. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1111/medu.14835>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35614557/>. Acesso em: 7 dez. 2023.

FRENK, J. *et al.* Health professionals for a new century: transforming education to strengthen health systems in an interdependent world. *Lancet*, London, v. 376, n. 9756, p. 1923-1958, 2010. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(10\)61854-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(10)61854-5). Disponível em: https://dash.harvard.edu/bitstream/handle/1/4626403/Ed_HealthProfCommisionp5_40.PDF. Acesso em: 7 dez. 2023.

HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: MÊDIAAfashion: Folha de São Paulo, 2021.

NEVES, M.; TOASSI, R. F. C. Integrated health practices: Scenarios for interprofessional experiences in the Brazilian health system. *Journal of dental education*, Washington, v. 86, p. 855-857, 2022. Supl. 1. DOI: <https://doi.org/10.1002/jdd.12857>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/jdd.12857>. Acesso em: 7 dez. 2023.



ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Marco para ação em educação interprofissional e prática colaborativa*. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/dahu/seguranca-do-paciente/marco-para-acao-em-educacao-interprofissional-e-pratica-colaborativa-oms.pdf/view>. Acesso em: 6 dez. 2023.

PEDUZZI, M. *et al.* Trabalho em equipe: uma revisita ao conceito e a seus desdobramentos no trabalho interprofissional. *Trabalho, educação e saúde*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 1-20, 2020. Supl. 1. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00246>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/PM8YPvMJLQ4y49Vxj6M7yzt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 dez. 2023.

PEDUZZI, M. O SUS é interprofissional. *Interface (Botucatu, Online)*, Botucatu, v. 20, n. 56, p. 199-201, 2016. DOI: 10.1590/1807-57622015.0383. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ics/a/7MgQL4JM9dRYFDLYzQVLHM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 dez. 2023.

REEVES, S. *et al.* A BEME systematic review of the effects of interprofessional education: BEME Guide No. 39. *Medical Teacher*, London, v. 38, n. 7, p. 656-668, May 2016. DOI: <https://doi.org/10.3109/0142159X.2016.1173663>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.3109/0142159X.2016.1173663>. Acesso em: 7 dez. 2023.

TOASSI, R. F. C. (Org.). *Interprofissionalidade e formação na saúde: onde estamos*. Porto Alegre: Rede Unida, 2017. Disponível em: <http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/serie-vivencias-em-educacao-na-saude/vol-06-interprofissionalidade-e-formacao-na-saude-pdf>. Acesso em: 7 dez. 2023.

Editor responsável: Elisandro Rodrigues

Como referenciar este artigo (ABNT):

TOASSI, Ramona Fernanda Ceriotti; FAUSTINO-SILVA, Daniel Demétrio. Educação e trabalho interprofissional na saúde: uma transgressão necessária. *Cadernos de Ensino e Pesquisa em Saúde*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 12-17, 2023.

